

EBAL (EDITORA BRASIL-AMÉRICA) *apresenta:*

MANGUEIRA



AO ESPORTE CLUBE GARNIER O AGRADECIMENTO E A HOMENAGEM DA ESTAÇÃO PRIMEIRA DA MANGUEIRA

QUADRINHOS

(Revista da Ebal)
Propriedade da
Editora Brasil-América (Ebal) S.A.
Diretor Geral
Adolfo Aizen
Diretor-Gerente
Paulo Adolfo Aizen
Diretor-Secretário
Naumim Aizen
Diretor-Industrial
Fernando Albagli

EDIÇÃO ESPECIAL DE GALA

Fevereiro de 1972

Neste Número:

Rio, Carnaval dos Carnavais
enredo do G.R.E.P. Escola
de Samba de Mangueira para
o Carnaval de 1972

Redatores: Dácio de Almeida e Nonnato Masson

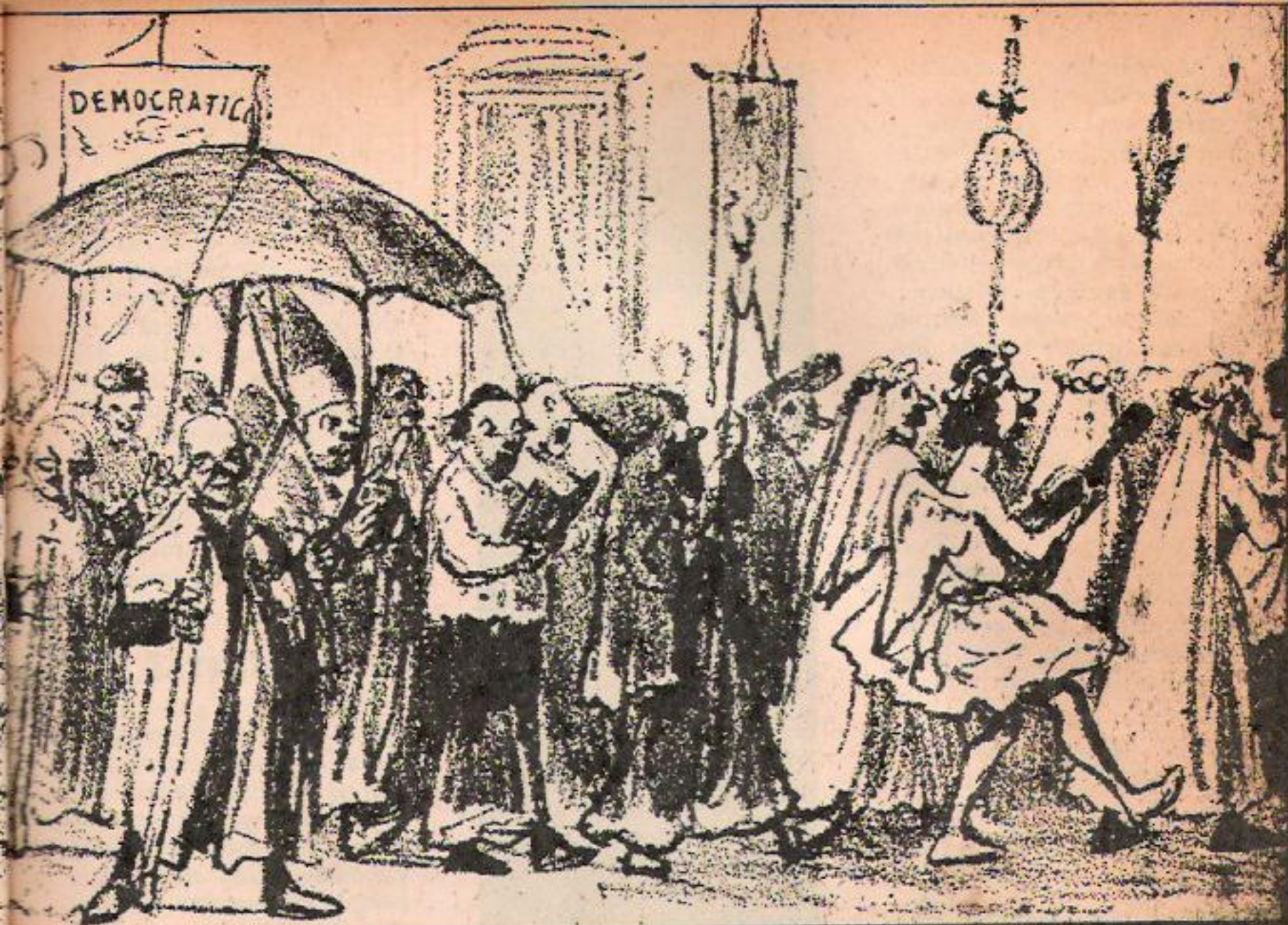
Arte: Laerte Moraes — Fotógrafos: Jorge Aguiar e Hamilton Corrêa — Divulgação: Ubirajara Maximiliano

Escritório, Redação e Oficinas
Rua Gen. Almério de Moura, 302-320
ZC-08 — Telefone 254-6212 (rede interna)
Telex — Rio — 031-764 (para Ebal)
São Cristóvão — Rio de Janeiro (GB)
Distribuidores na Guanabara
Dist. de Jornais e Revistas Tupi
Rua da Constituição, 5
Distribuidores em S. Paulo, Capital
Agência Modesto
Viaduto Santa Ifigênia, 277
Distribuidores para o Interior
Editora Brasil-América (Ebal) S.A.



CARROS NAVALIS
CARNAVALE
CARNIVAL
DOS CARNAVAIS

Texto de Nonnato Masson – enrêdo de Pedro Paulo Lopes



O verdadeiro, o legítimo, o autêntico, o único tipo de carnavalesco real é o característico do Rio de Janeiro.

A espécie é nossa, unicamente nossa, essencialmente e exclusivamente carioca. Só o Rio de Janeiro, com seus carnavais maravilhosos e inconfundíveis, que ainda se hão de suceder pelos séculos sem fim, possui o verdadeiro carnavalesco — assim deixou dito Olavo Bilac.

E esse verdadeiro carnavalesco é o sambista.

O sambista de escola. O sambista que faz do desfile das escolas de samba, na noite do domingo de carnaval,

o maior espetáculo popular, a céu aberto, do mundo.

O sambista que faz do carnaval do Rio o carnaval dos carnavais.

Mais belo de que os carnavais de Veneza, de Nice, de Nápoles, de Florença, reunidos.

Se perdem na memória do tempo as origens de *carrus navalis*, *carnevale* — festa pagã, com passeatas ruidosas, desfiles, críticas.

Encontram-se, na história das civilizações, vestígios dessa festa que, a princípio, era de conteúdo místico.

Os egípcios, por exemplo, na antiguidade remota, festejavam ruidosamente a deusa Ísis e Ápis, um boi que adoravam como divindade. Os hebreus realizavam animadas festas das sortes e os babilônios, a *Sacae*.

Carnavalescas eram as bacanais — festas em honra de Baco, celebradas pelos gregos com muita bebida e muita algazarra. Car-



Δ clássico
diabrinho

navalescas eram as saturnais — festas em honra de Saturno, celebradas pelos romanos, no mês de dezembro, com grande animação. (Enquanto duravam as saturnais não era permitido tratar de negócios algum, tôdas as distinções dos empregos cessavam e até mes-

mo os escravos podiam, impunemente, dizer a seus senhores tudo quanto quisessem e chegavam até a escarnecer, na sua presença, dos seus próprios defeitos.) Carnavalescas eram as lupercais — licenciosas festas em honra de Pã; eram as dionisiacas em honra de Dionísio. As festas dos "inocentes e dos loucos", realizadas no período da Idade Média em tôda a Europa, e particularmente as que os celtas e os teutões realizavam em honra de Herta, deusa chamada de mãe-terra, eram carnavalescas.

PASSEATAS

Havia nessas festas passeatas ruidosas em navios que se movimentavam sobre rodas, muito enfeitados com bandeiras de côres vistosas, que conduziam pessoas travestidas em personagens ilustres, entoando canções impudicas, fazendo crítica, em companhia de mulheres nuas, atraindo aplausos delirantes do público. Levavam todos tochas acesas para afastar os maus espíritos. Esses navios eram os *carrus navalis*, os carros navais — donde, segundo alguns historiadores, se originou a palavra carnaval.

Littré, porém, dá outra origem etimológica. Ensina: "*carnevale*, do dialeto milanês, trasladado do baixo latim *carnelevamem*, de *caro* (carne) e *levamem* (ação de tirar); assim, pois, tempo em que se tira o uso da carne", já que o carnaval é, propriamente, a noite antes da Quarta-Feira de Cinzas — carnaval é, historicamente, apenas a noite chamada de terça-feira gorda.

Provou Littré que a palavra *carnaval* não se origina de *carne vale*, adeus

Festas em Honra de Pã dos Inocentes e dos Loucos

à carne como entendem alguns, pois em italiano não há a palavra *vale*.

CORRIDAS

O carnaval em sua forma mais augusta de espetáculo popular, o carnaval romano, venerado por toda a cristandade, data do pontificado de Paulo II — esclarece o poeta Jorge de Lima. O carnaval romano da época de Paulo II era chamado de *moccoletti* e transcorria com desfile de carros alegóricos, corridas de cavalos e de corcundas, batalhas de confete e de ovos, e luminárias de tocos de vela.

Festa de origem pagã, o carnaval depende, no entanto, de uma comemoração da Igreja Católica para a fixação da sua data e, por isso, se enquadra no calendário das festas religiosas móveis. Vejamos: quando a Igreja marca a festa da Ressurreição de Cristo (Páscoa) fixa o carnaval. Não podendo a celebração em memória da Ressurreição de Cristo coincidir com a Páscoa dos hebreus (festa anual em memória da fuga do povo hebreu do Egito), determinou a Igreja Católica que a Páscoa da Ressurreição caísse sempre no primeiro domingo depois do 14.º dia da lua que



△ intrigante domino?



A marinheira

vem após 21 de março. A Fáscoa da Ressurreição será assim, de acôrdo com o calendário cristão, sempre no primeiro domingo após a lua cheia imediatamente posterior ao equinócio da primavera, que se passa a 21 de março (hemisfério Norte). Se, no entanto, 21 de março cair no sábado e a lua fôr cheia, o dia 22 será o Domingo de Páscoa. Entretanto, se a primeira lua cheia — isto é, o 14.º dia após o equinócio — ocorrer 29 dias depois de 20 de março, e êste fôr domingo, o de Páscoa só poderá ser a 25 de abril. Dessa forma, o Domingo de Páscoa deve cair entre 22 de março e 25 de abril.

Determinada a festa em memória da Ressurreição de Cristo está fixado o Domingo de Carnaval, Domingo da Quinquagésima ou Domingo Gordo, que deverá ser sempre sete domingos antes da celebração da Páscoa. Assim se explica por que o carnaval ora é em fevereiro, ora é em março.

LIMÕES

O carnaval no Brasil começou com o entrudo (corruptela de *introitus*, introdução das cerimônias litúrgicas da Quarta-Feira de Cinzas). Foi trazido ao Rio pelos portugueses e sua prática consistia, a princípio, em jogar água, limpa ou suja, mal-cheirosa, na cara dos desavisados. Era praticado com violência desenfreada, pelas gentes da elite, tanto na rua como dentro de casa. Passaram a ser usados depois, no jôgo do entrudo, cal, goma, tinta, vermelhão, pedra, pau, lata velha, tudo, enfim. Tornou-se mais ameno, tantas foram as campanhas contra a sua prática, com o emprêgo de limões de cheiro, que eram lançados à distância e espoucavam sôbre as pessoas. Os limões eram feitos de cêra e continham água perfumada.

Os negros escravos, porém, se divertiam nas ruas,



A caveira

aos bandos, tocando seus instrumentos de percussão, vestidos com vistosas roupas, imitando os trejeitos dos seus senhores e feitores. Tocavam e cantavam a xiba, sua dança de batuque; batucajé, cateretê, congo, lundu.

À imagem e semelhança dos de Paris e Veneza, o dono do Hotel Itália, na Praça Tiradentes, promo-



veu a 22 de janeiro de 1840, um baile de máscaras nos salões do seu estabelecimento. Animado por polcas e mazurcas esse foi o primeiro baile carnavalesco realizado no Rio. Tendo obtido sucesso, outros hotéis passaram a abrir os seus salões, durante o carnaval, para a realização de bailes até que, em 1855, os foliões decidiram desfilar pelas ruas com suas ricas e finíssimas fantasias.

Tendo à frente figuras ilustres como o escritor José de Alencar, e contando com o apoio e simpatia do Imperador Pedro II, foi organizado e desfilou, com os foliões em vitórias e charretes e landaus, pelo Campo de São Cristóvão, o Primeiro Congresso das Sumidades Carnavalescas. Logo, outras sociedades foram formadas: União Veneziana, Zuavos, Euterpe Comercial (que deu origem à Sociedade Tenentes do Diabo), Congresso das Damas, Boêmia, Estudantes de Heidelberg, Nova Cromática, Democráticos, Inimitáveis, Fenianos.

ALEGORIAS

O Congresso das Sumidades Carnavalescas apresentou o primeiro desfile de críticas e alegorias e o primeiro travesti. Em 1856 um grupo de estudantes paulistas organizou a Sociedade Carnavalesca Paulicéia Vagabunda e foi um escândalo: pela primeira vez desfilaram môças pelas ruas. As môças atiravam beijos aos populares, estouravam garrafas de champagne, faziam misérias.

Um português baixo e barrigudo apareceu, de tamancos e camisa aberta ao peito, tocando um grande zabumba, à semelhança dos zé-pereiras que despertavam as cidades e aldeias

Paris Mandou Para o Rio as Primeiras Máscaras

portuguêsas em dias de festa. Apareceu o dominó como fantasia. Era um gabão preto, largo, folgado, com capuz, igual aos que os frades na Europa usam durante o inverno. Por que chamaram gabão de dominó não há notícia. O advento do dominó começou a ofuscar o esplendor das fantasias de Pierrô, Arlequim e Colombina — que eram usadas nos bailes — e foi ofuscado, tempos depois, pela fantasia de Cruz-Diabo.

De Paris, "iguais às de Veneza", chegaram ao Rio as primeiras máscaras. De massa. A primeira máscara nacional foi de papelão vermelho, usada por um açougueiro de São Cristóvão chamado Antônio José de Melo. Registra ainda a crônica do carnaval carioca que na segunda-feira de carnaval êle montou numa vaca e passou cinco horas subindo e descendo a Rua do Cano, atual Rua Sete de Setembro. Consta que a máscara era igualzinha à cara de Vasques, ator famoso na época.

CORDÕES

Há notícia de que o primeiro cordão carnavalesco que cruzou as ruas do Rio foi o Flor de São Lourenço. Em 1885.

Nos cordões só saía homem e em pouco tempo êles eram muitos, animando o carnaval com suas cantorias, com seus maxixes e lundus: Os Invisíveis, Capricho da Mocidade, Prazer da Lua, Mulher Vermelha, Flor da Primavera.

Os cordões eram divididos em dois grupos de foliões a caráter: o dos índios, representando o nativo, e o dos "reis do diabo", representando os vice-reis e a Corte de Dom João VI e de Dom Pedro I, o fisco e os

meirinhos. Devido às críticas que faziam e à repressão policial que sofriam, os cordões foram aos poucos se extinguindo e deram lugar aos blocos.

BLOCOS

Foi o cordão Os Invisíveis o primeiro a virar bloco. Passou a se chamar Tira o Dedo do Pudim. E outros surgiram: Filhos da Estrêla de Dois Diamantes,



Δ bebê

Filhos do Poder do Ouro, Chuveiro Real de Prata da Angola.

A primeira música feita especialmente para o carnaval foi cantada em 1855 pelo cordão Flor de São Lourenço. A letra era esta:

Ó Dona Mariquinha
Agite o seu lenço
Para dar um viva
Ao Flor de São Lourenço.

Outra música famosa de cordão carnavalesco foi a que o Prazer da Lua cantou nas ruas do Rio em 1856:

O Prazer da Lua
É que me faz chorar
E só tu morena
É quem me faz penar.

Não há registro do nome dos seus compositores. Ficou apenas, na crônica das primeiras músicas feitas para o carnaval carioca, o nome da compositora e maestrina Chiquinha Gonzaga. Em 1899, a pedido do bloco Rosa de Ouro, do Andaraí, ela compôs a marcha *Abre Alas*:

Ó abre alas
Que eu quero passar,
Eu sou da lira
Não posso negar.
Ó abre alas
Que eu quero passar,
Rosa de Ouro
É que vai ganhar.

RANCHOS

Com o passar do tempo os blocos foram deixando de sair às ruas com tema e música próprias. E no começo do século apareceram os ranchos carnavalescos, um dos primeiros foi o Dois de Ouro, com muitas mulatas e cabrochas, porta-estandarte e mestre-sala, e um conjunto instrumental de violões, cavaquinhos, flautas, clarinetes, tambores e pandeiros, que acompanhavam a marcha do rancho.

Passou o rancho a ser o encanto do carnaval carioca. Cada rancho apresentava uma história e seus figurantes se vestiam de acordo com o enredo. Marcaram época o Rosa Banca, o Cananga do Japão, o



Δ último abereerragem

Ameno Resedá. Este teve até a honra de ser recebido no Palácio do Catete, pelo Presidente da República, com o préstito *A Côte de Belzebu*.

O sensualismo no carnaval carioca começou em 1890 com uma môça de 23 anos chamada Aurora Rozani. Bem feita de corpo, de longos cabelos negros,



o clown

lábios finos e seios atrevidos, ela desfilou, sábado, no bloco Rosa de Ouro, com um vestido transparente. Consta que o escândalo foi tal que muitas famílias usaram luto fechado de domingo até terça-feira de carnaval, antecipando-se à Quaresma, quando era costume, só vestir roupa preta.

Anunciaram os jornais em 1892 que "em vez das bisnagas e do limões de borracha, que bem boas constipações promoviam, tivemos uma novidade êste ano no carnaval: os *confetti* parisienses, que consistem em algumas rodela de papel colorido, que são atiradas sôbre os que passam e são um passatempo agradável para os rapazes e as môças".

O Prefeito Pereira Passos, em 1905, proibiu o uso das bisnagas e dos limões de borracha de água de cheiro e apareceram então, no carnaval carioca, os primeiros lança-perfumes, das marcas Rodo e Vlan, importados da França e da Suíça.

ESCOLAS

No comêço da década de 10, com o aparecimento do automóvel no Rio, surgiu o curso, que se movimentava pela Avenida Beira-Mar até o Mourisco. E com o curso apareceu a serpentina e foram realizadas batalhas de flôres no Campo de Santana e de confete na Rua do Ouvidor.

A partir de 1917, com o lançamento, em disco de *Pelo Telefone*, de Mauro de Almeida e Donga, um nôvo ritmo passaria a dominar o carnaval: o samba. Até então samba era ajuntamento de malandros, com violão, mulher e cachaça. Era também baile popular da roça, sinônimo de pagodeira, de briga.

Deixa Falar Foi a Primeira Escola

Em 1923 o *Jornal do Brasil* regulamentou o desfile dos ranchos pela Avenida Rio Branco e em 1929, do bairro de Estácio de Sá, saiu um conjunto carnavalesco, chamado Deixa Falar, formando "uma escola de samba", e foi desfilar na Praça Onze de Junho.

A 28 de abril de 1929 os sambistas do Morro de Mangueira se reuniram e fundaram a Escola de Samba Estação Primeira. Outras foram organizadas nesse ano e pelo carnaval de 1930 desfilaram na Praça Onze de Junho as escolas de samba Deixa Falar, Estação Primeira, Cada Ano Sai Melhor (do Morro de São Carlos), Vai Como Pode, Para o Ano Sai Melhor e Vizinha Faladeira.

Deixa Falar ganhou os desfiles de 1930 e 1931. Em 1932 a vencedora foi a Estação Primeira de Mangueira, que voltou a vencer em 1933, neste ano com o enredo *Uma Segunda-Feira no Bonfim*.

Foi instituído em 1931, pelo *Jornal do Brasil*, o concurso para escolha da Rainha do Carnaval. A primeira rainha foi Rosa Boreli, da Banda Portugal. Os Irmãos Valença, cantores e compositores, mandaram do Norte, para Lamartine Babo, a música de uma marcha, com o título de *O Teu Cabelo não Nega*, com versos caipiras. Lamartine escreveu outros versos e a lançou no carnaval de 1932. Surgiu assim o Hino Nacional do Carnaval.

O jornal *A Noite* criou, em 1934, o Rei Momo. O primeiro Rei Momo foi um boneco e chegou à Praça Mauá, domingo de carnaval, a bordo do rebocador *Mocanguê*. A Rainha Moma foi inventada por diretores da Associação dos Cronistas Carnavalescos: a primeira, eleita em 1934, foi um homem. Travestido.

MORRO SE ORGULHA DE MOSTRAR A TODOS SUA NOVA MANGUEIRA

Texto: Dácio de Almeida

Quando os moradores do Morro da Mangueira começaram a abrir janelas e fazer pequenas varandas nos seus barracos, para melhor observar a nova quadra da Escola, os arquitetos Sabino Barroso, José Leal e Rute Leal se sentiram realizados.

A preocupação deles, desde o início da obra, foi fazer um prédio para o morro se orgulhar; um prédio pelo qual todos os mangueirenses são responsáveis devido à colaboração que deram, pelo suor que derramaram ajudando na construção, pelas opiniões que foram rigorosamente seguidas.

A nova Mangueira está exatamente como os velhos mangueirenses queriam.

— Talvez até um pouco sofisticada — diz José Leal — mas isso é normal. Depois que a obra foi iniciada, sentin-

do que era uma realidade, todos se entusiasmaram e passaram a pensar também em termos de decoração.

O azulejo verde-e-rosa, por exemplo, foi especialmente desenhado por uma fábrica para a Mangueira; a iluminação é para televisão a cores; o som, ligado apenas na metade do volume total, dá para todo o morro ouvir sua Escola cantar.

Mas a nova quadra, sobretudo, está funcional. O objetivo foi procurar dar conforto aos sambistas e fazer da Mangueira uma casa de espetáculos para o ano inteiro e não somente para o período do carnaval.

A Mangueira evoluiu sim, mas não quer ser a maior, nem a melhor e nem uma escola diferente. Apenas se preocupa em ser autêntica e em manter sua tradição.



**Quadra funcional
e sofisticada**

No dia 27 de abril do ano passado, Pelé lançava a pedra fundamental da nova sede. Chovia muito naquele dia, mas, mesmo assim, cumprindo sua promessa ao Relações Públicas Bira, Pelé e sua mulher Rose compareceram pela primeira vez a uma Escola de Samba.

Dias depois, os novos tratores da ECISA invadiam a velha quadra construída por Juvenal Lopes: começava o trabalho de fundição e alinhamento.

O presidente de Honra Juvenal Lopes, embora contente com o crescimento de sua Escola, não deixou de recordar o trabalho que ele e todo o morro tiveram para erguer aquêle prédio torto e humilde que por oito anos foi a alegria e a ante-sala dos moradores da Mangueira.

— As campanhas dos tijolos, pedras e cimento. Muita gente deixou até de comer para ajudar — comentou.

Djalma Santos, porém, era só alegria. Ele, como presidente da Escola, confiou no sonho mirabolante





de Ciro Ramos e Raimundo e tudo começava a se tornar uma realidade.

A Comissão de Obras, formada pelo próprio Ciro, José Ramos, Eugênio Agostinho, José Leal, Sabino Barroso, Rute Leal e Alcione Barreto, já tomava as primeiras providências com o Engenheiro Léo, da ECISA — companhia responsável pela obra.

TRÊS BARES

A companhia tinha dado o prazo de seis meses para terminar o trabalho. Leal e Sabino sabiam no entanto que esse tempo não seria suficiente.

— Não queríamos impor o nosso projeto. O ideal, como foi feito, era que todos participassem com sugestões. Desejávamos que a nova quadra fôsse a mais prática possível para os ensaios — afirmou Sabino Barroso.

— Além disso — aparteu José Leal — obra em seis meses teria ritmo de Brasília.

As opiniões foram anali-

Cartola e Zica têm mil planos para o futuro Zicartola

sadas uma a uma pelos arquitetos. O responsável pelo bar falou de seu serviço. A venda de bebidas é a maior fonte de renda dos ensaios. Eles não fizeram por menos: 56 metros de balcão divididos em três bares, para que o público tivesse melhor acesso.

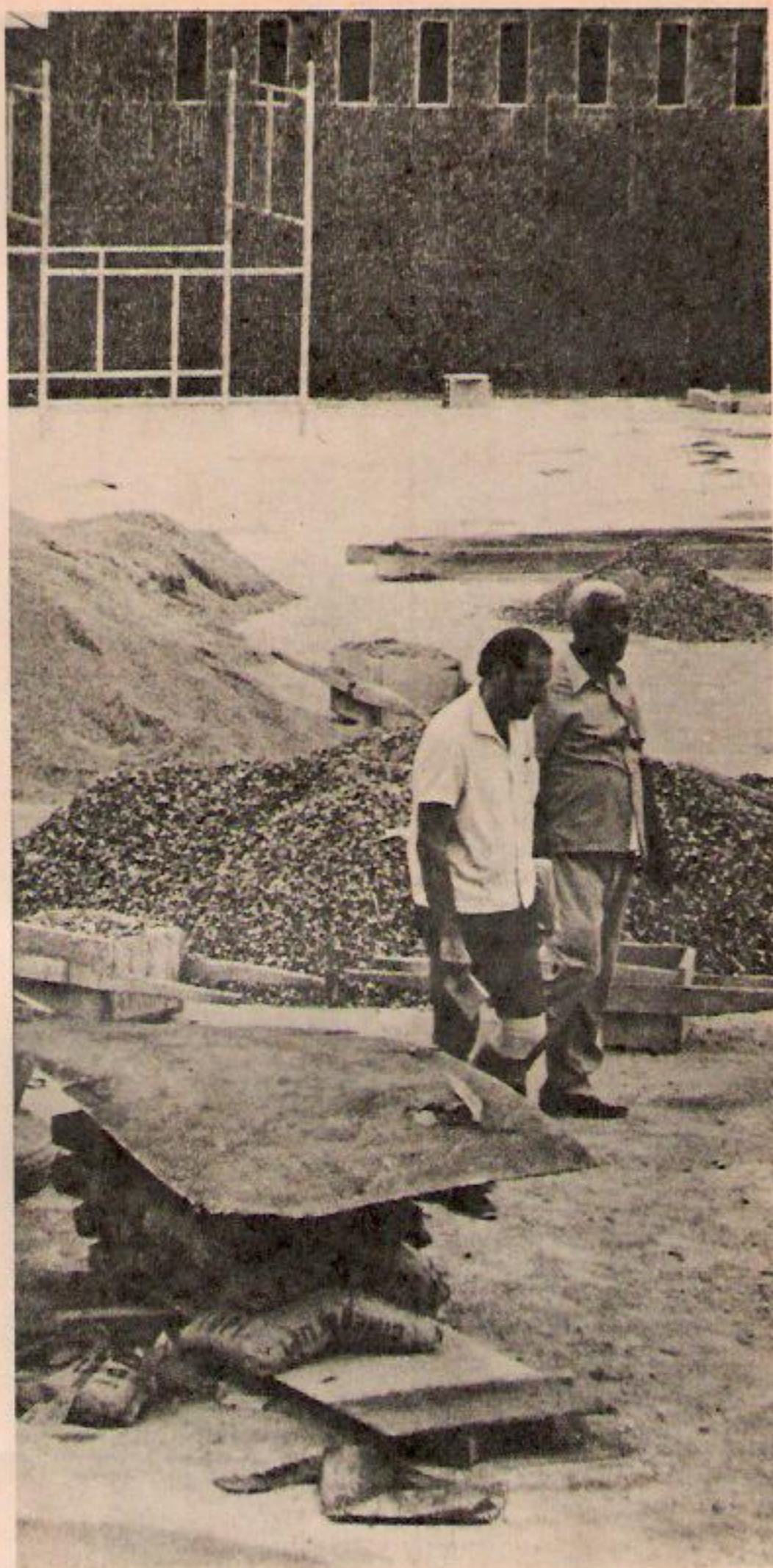
O caminhão de entrega da cerveja tem até um portão especial. O depósito de bebidas dá para 5 mil caixas. Dali, elas vão para um frigorífico com capacidade para 150 caixas.

Nos dois bares na quadra, existem reservatórios para gelar até 200 caixas. No bar social, no primeiro andar, existe um outro frigorífico para 30 caixas.

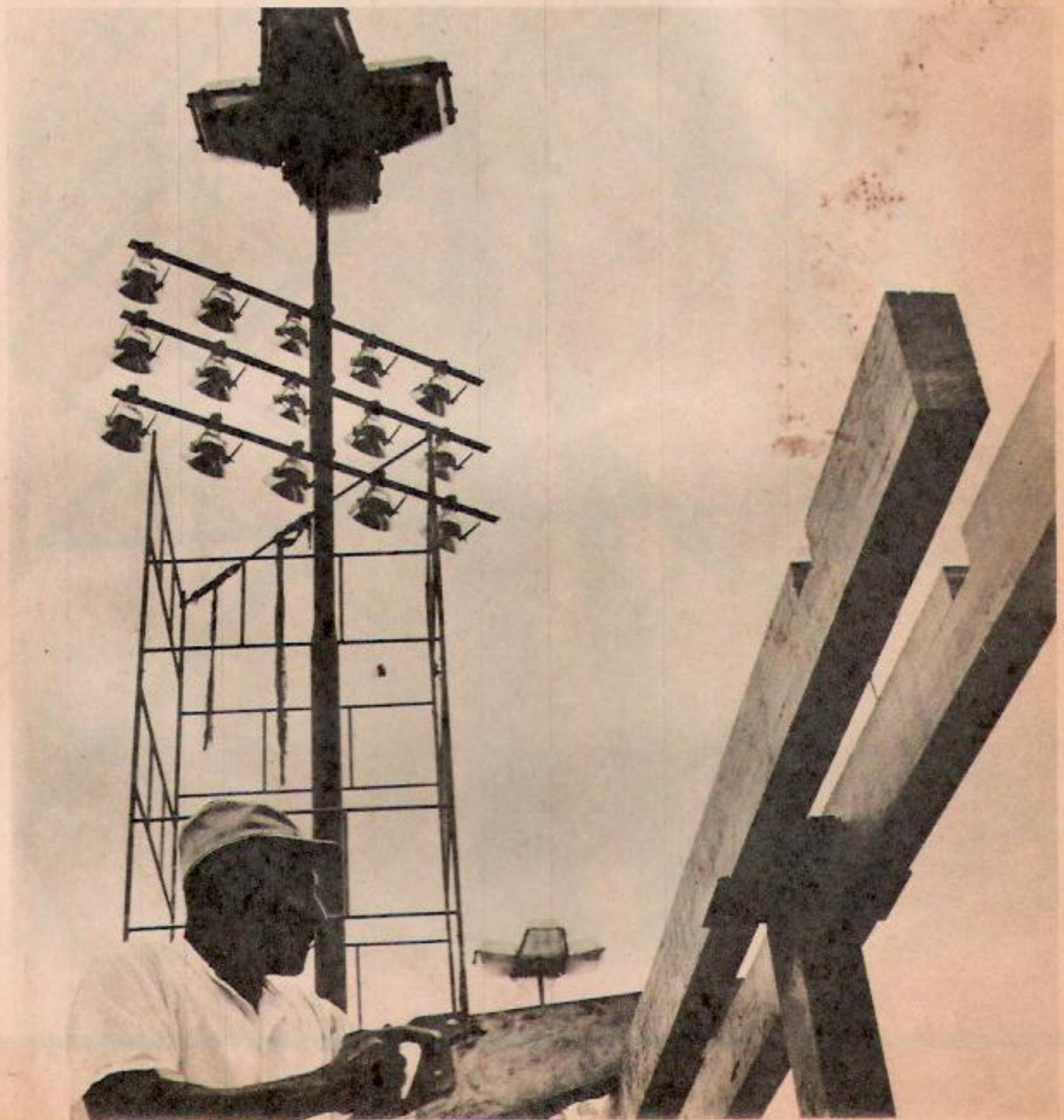
VISITA DIÁRIA

A Mangueira tem condições de servir 11 mil garrafas de cerveja gelada ou congelada por hora.

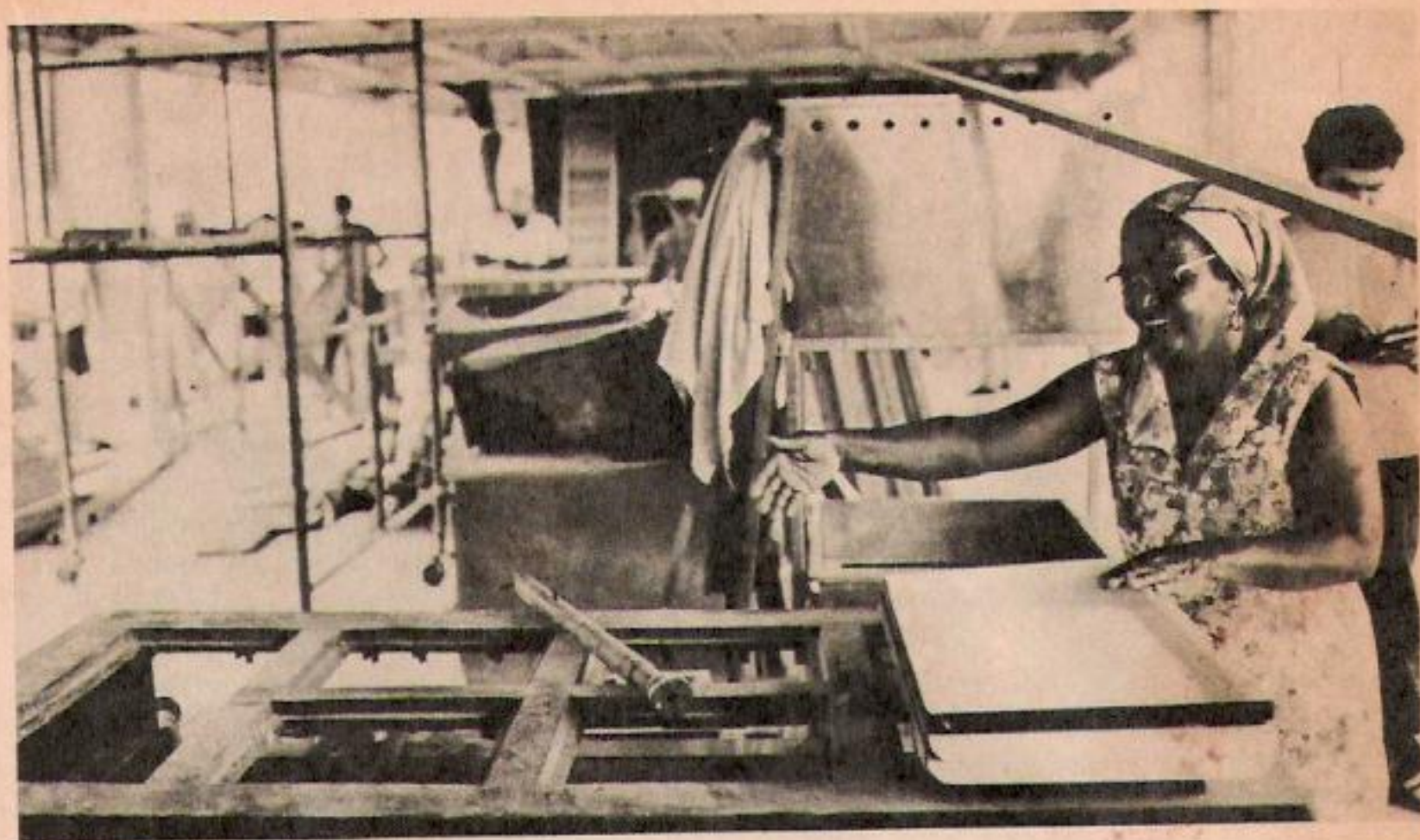
Em cada bar há quatro guichês para a venda de fichas. As bebidas são pedidas pelos 17 interfones instalados em toda a sede. Cada caixa do bar tem um aparelho à sua disposição.



O engenheiro Léo e o chefe das obras cuidaram dos mínimos detalhes







O interêsse de todos
ajudou aos arquitetos

O abastecimento é feito do depósito para os bares por um elevador de carga.

Para eliminar a cerveja — os arquitetos também pensaram muito nisso — foram construídos três banheiros para mulheres e outros tantos para homens. Existem um total de 70 aparelhos sanitários.

— Não tem nada de ar refrigerado nos banheiros — explicou Rute Leal. — O que funciona é a ventilação mecânica, já que os dois maiores ficam no subsolo.

Não houve no morro, durante a fase de obras, quem não passasse diariamente pela Escola antes de ir para o trabalho ou quando voltava dêle.

— Isso foi bom — diz o velho Antonico Abóbora D'água — porque senão, no dia da inauguração, muita gente não ia agüentar.

Os próprios rapazes da Mangueira fizeram questão de levar diariamente até lá os pioneiros da Escola. O veterano Mansur até hoje não consegue esconder as lágrimas quando entra na nova sede. Cartola levava horas a fio sentado

sôbre um pedaço de madeira contemplando os operários no trabalho de refazer a sua Estação Primeira da Mangueira, cujo nome e côres êle escolheu.

MENINA DOS OLHOS

O andar superior do prédio é o requinte e a menina dos olhos de todos os mangueirenses. O pessoal do morro já queria até um terraço, mas os arquitetos não concordaram.

— O prédio tem estrutura para construir mais dois andares se fôr necessário, mas no momento era impróprio — diz Sabino Barroso.

Manter a característica de morro foi sempre o objetivo de Leal e Sabino.

Para Dona Zica, o mais importante de tudo do primeiro andar é o fogão que ela manejará tão logo termine o carnaval. O Zicartola será agora na Mangueira.

— Já pedi até uma “colher de chá” ao Papai do Céu para viver mais cinco anos pelo menos. Que vontade que estou de fazer um

vatapá nesse fogão enorme e de assar um boi inteiro nesse forno — comenta Dona Zica.

A atual diretoria, embora esteja com seu mandato por terminar — dia 28 de abril haverá eleições na Escola — já está programando diversos shows e festas para a “entressafra do samba”. Com um bar muito bem montado no primeiro andar, será montado um palco e o partido alto não vai parar o ano inteiro.

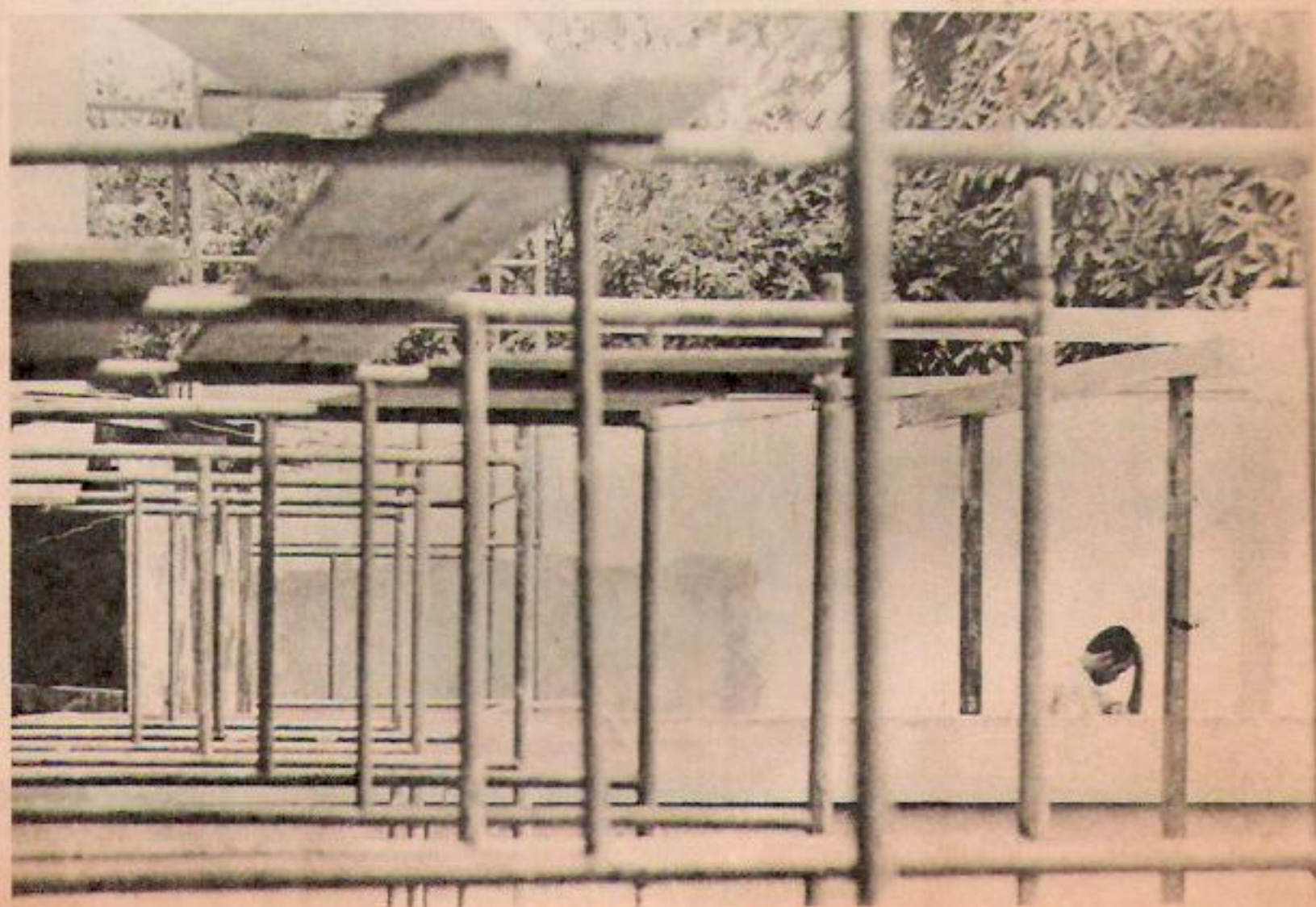
MURO ACÚSTICO

Ainda no primeiro andar ficará a administração da Escola. A sala presidencial é atapetada, tem uma pequena geladeira e até um aparelho de televisão. Lá ficarão também os troféus da Mangueira, a tesouraria e a secretaria.

Para melhor conforto às autoridades, foram construídos dois camarotes e a imprensa também terá um lugar reservado, sendo que existem seis cabinas para rádios e TVs.

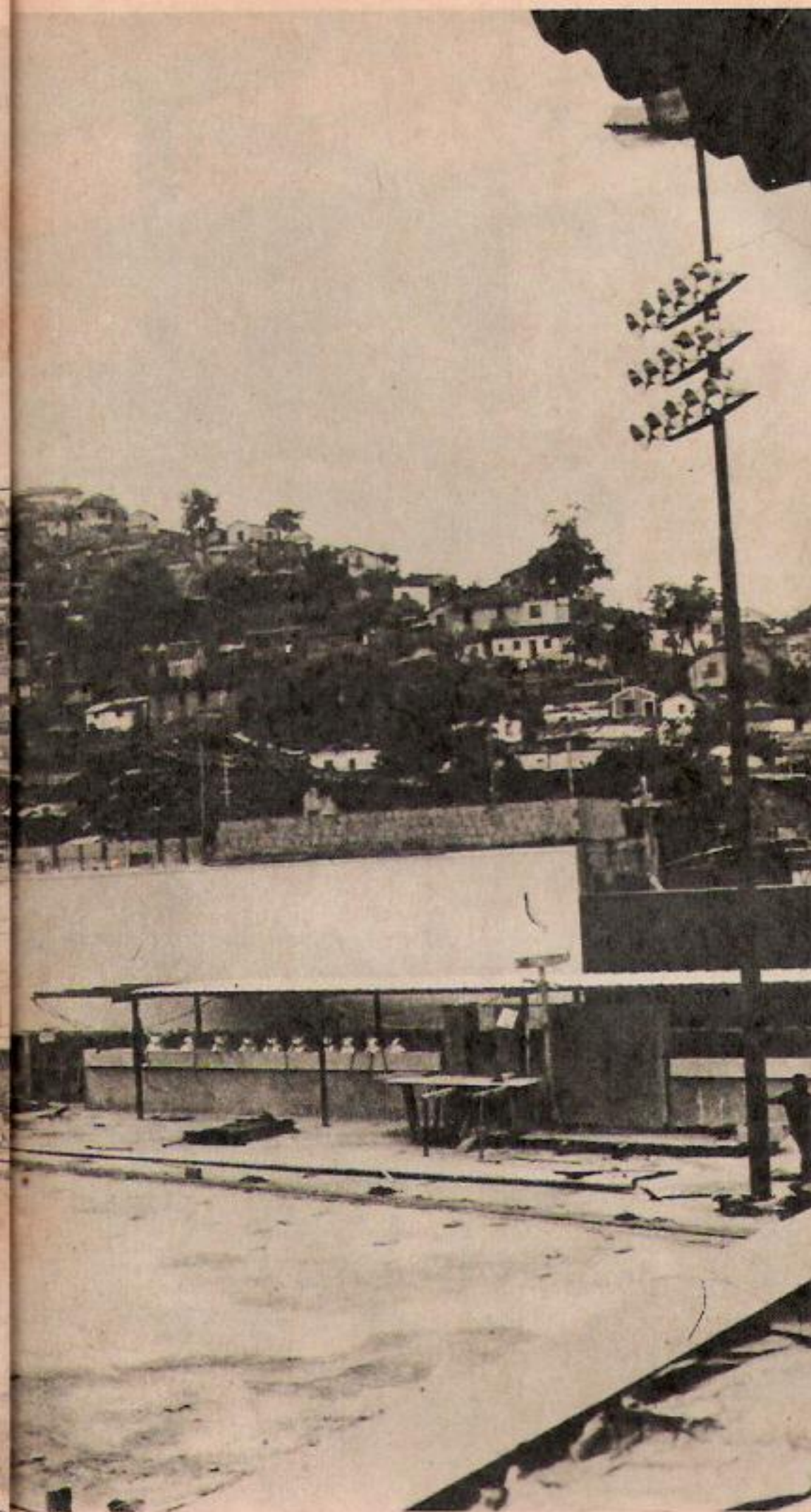
A Comissão de Obras pensou também no afluxo do público aos ensaios e

**Palanque de Valdemiro é
para um grande Mestre de Bateria**





**A ante-sala do morro
já está pronta**



por isso instalou seis guichês para venda de ingressos e quatro portarias de entrada e saída.

A preocupação agora é conseguir instalar três aparelhos de telefone público.

Muitos mangueirenses são de opinião que a nova quadra se caracteriza principalmente pelo som e a luz. No entanto, para o Mestre Valdomiro, Diretor de Bateria da Escola há mais de 20 anos, o seu palanque para 200 batuqueiros é a obra mais imponente. Valdomiro acompanhou tijolo por tijolo a construção do seu palanque, deu muitas idéias, mas não entendeu bem ainda o que Sabino Barroso mandou colocar no muro acústico atrás do palanque, com a finalidade de jogar o som para o meio da quadra.

LUZ OFUSCA

— Morador não perde a visão do samba; nem o samba perde a visão da Mangueira — diz José Leal.

No entanto, quando todas as luzes da Escola são acesas, ninguém vê mais nada do morro.

— É claridade demais e a gente fica com a visão ofuscada — argumentou Dona Neuma.

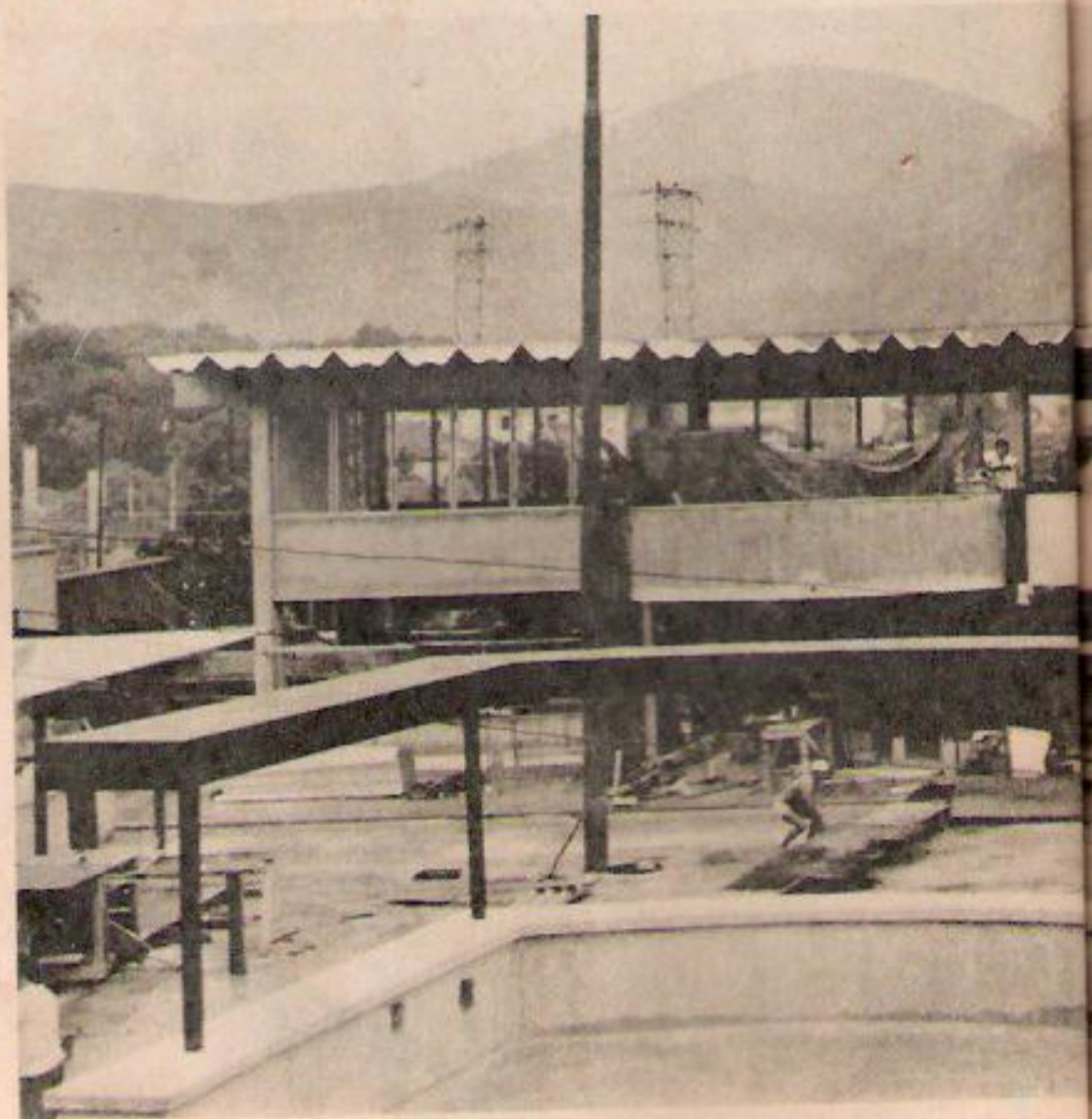
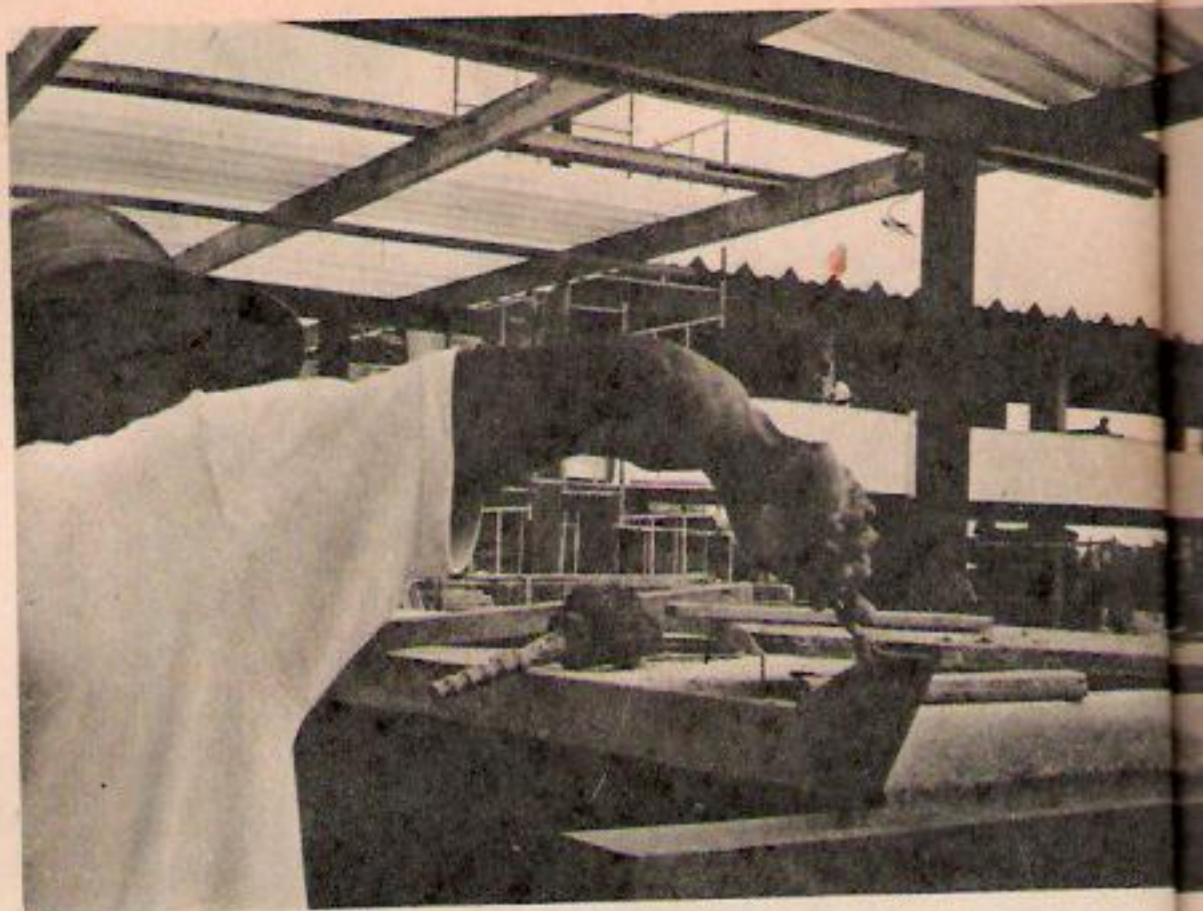
Para aumentar a capacidade de consumo da energia elétrica, a Light chegou até mesmo a construir uma subestação ao lado da quadra. Só a iluminação custou à Mangueira cerca de Cr\$ 280 mil. Ela é de vapor de mercúrio e tem um jôgo de 16 lâmpadas em cada um dos quatro postes de iluminação. Além disso, ainda existe um jôgo de 45 refletores, também distribuídos nos postes dentro da quadra, para serem usados em transmissões de televisão até a côres.

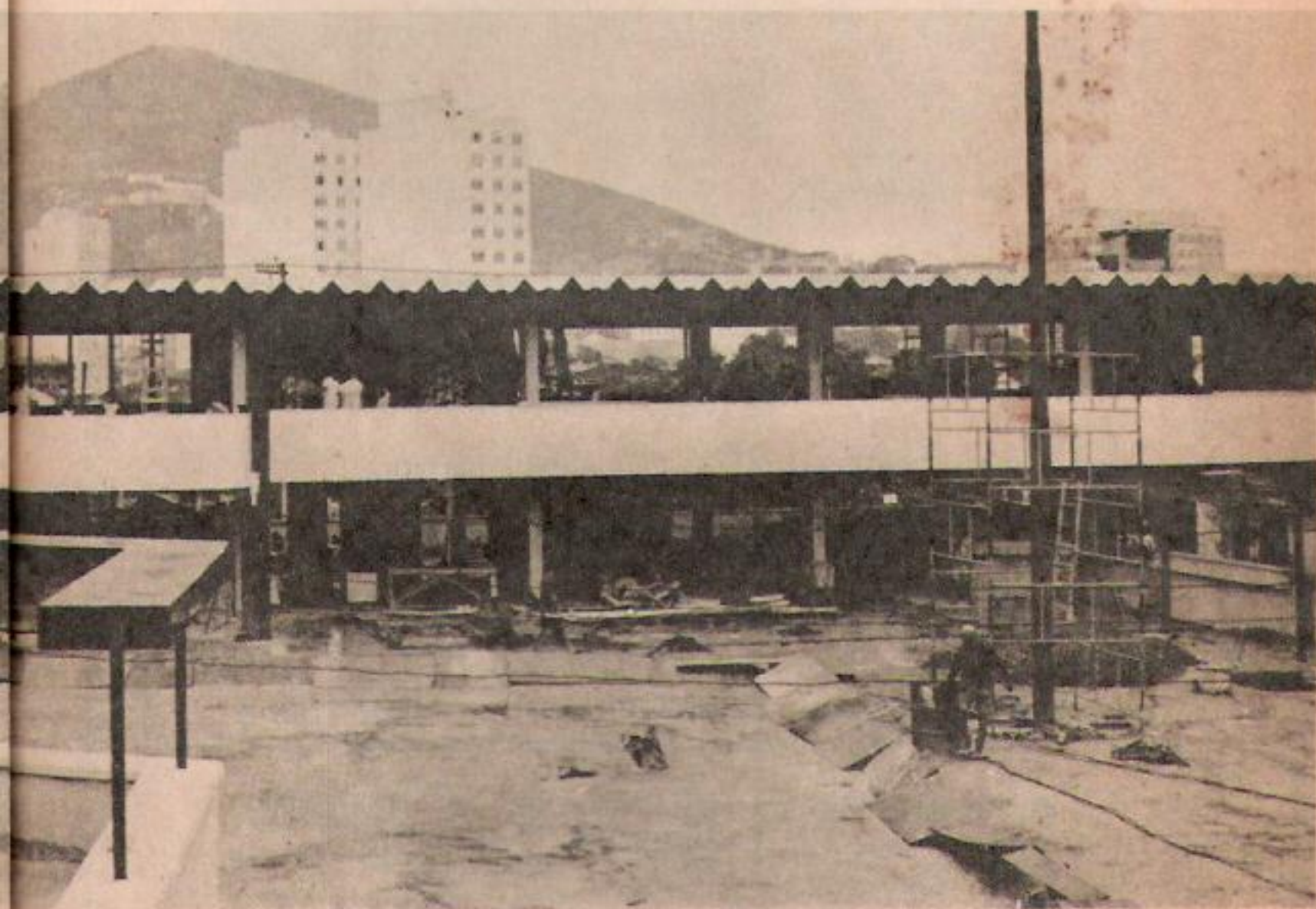
Na parte de som, há um jôgo de 15 amplificadores com 50 watts cada um. O sistema tem condições inclusive de gravar o ensaio e retransmitir imediatamente.

No final da obra, os arquitetos e o engenheiro responsáveis afirmaram:

— Agora a nova sede já está pronta para os comentários dos críticos.

Só se ouve elogios no morro.





**A nova Mangueira
aguarda você**

A Diretoria do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, Cujo Mandato Termina no Próximo Mês de Abril.

PRESIDENTE — *Djalma dos Santos*

VICE-PRESIDENTE — *Homero José dos Santos*

ASSESSORES — *Dácio de Almeida, Eugênio Agostini
e Néelson Andrade*

- Dept.º Comunicações: 1.º Vice — *Roberto Augusto*
2.º Vice — *Carlos Alberto Dória*
- Dep. Finanças: 1.º Vice — *Raymundo de Castro*
2.º Vice — *Ulises G. da Costa*
- Dep. Social: 1.º Vice — *Ciro Ramos de Moura*
2.º Vice — *Ivan Meireles*
- Dep. Patrimônio: 1.º Vice — *Ademar de Castro*
2.º Vice — *José Ramos*
- Dep. Divulgação: 1.º Vice — *Ubirajara Maximino*
2.º Vice — *Manoel S. Filho*
- Dep. Jurídico: 1.º Vice — *Alcione Barreto*
- Dep. Esporte: 1.º Vice — *Mário José de Souza*
2.º Vice — *Agnaldo Santana*
- Procuradores: 1.º — *Célio Teixeira*
2.º — *Antônio Cândido*
- Dep. Cultural: 1.º Vice — *Pedro Paulo Lopes*
2.º Vice — *Célio Manoel Baptista*
- Conselho Fiscal: 1.º Membro — *José Ananias Marcelo*
2.º Membro — *Walter Santos*
3.º Membro — *Carlos Gomes*
- Suplentes: 1.º Sup. — *Mário Bernardino*
2.º Sup. — *Moacyr Castelo Branco*
3.º Sup. — *Joel Nobre de Almeida*

ROTEIRO



Foi com muito sacrifício que a Estação Primeira da Mangueira se preparou para o Carnaval de 1972.

O dinheiro andou curto, essa é que é a verdade. O pouco que a Escola tinha guardado e mais o pouco que arrecadou nos ensaios foram absorvidos rapidamente pelas obras na quadra. O trabalho da Comissão de Carnaval foi dobrado por causa disso. O bom-gôsto teve sempre prioridade diante da tentativa mais audaciosa de gasto elevado.

As alas não tiveram suas festas anuais costumeiras e as fantasias são resultantes de preciosas economias.

A Escola e os seus componentes estiveram unidos o ano inteiro nessa luta. Por isso, o Carnaval de 1972 tem muito mais valor para a Mangueira; é um carnaval especial mesmo.

Hoje, já é um dia de vitória para a Estação Primeira.



ROTEIRO

1.º Setor

Comissão de Frente — Ala dos Duques

Abre-Alas — Homenagens aos grupos carnavalescos

Coringas — Ala dos Príncipes e Ala dos Embaixadores

Gregos e Gregas — Ala dos Seresteiros e Ala Comigo Ninguém Pode

Escravas Egípcias — Destaque: Maria Aparecida
Ala das Princesinhas, Ala Deixa Comigo, Ala das
Caçulinhas e Ala Ninguém É de Ninguém

Romanos — Ala do Brasão, Ala dos Barões, Ala dos Esforçados, Ala das
Brasinhãs e Ala da Firmeza

3.ª Porta-Bandeira e 3.º Mestre-Sala — Tidinha e Arilton

Damas Jovens do Rei Sol — Destaque: Toninho
Ala das Impossíveis e Ala das Capricho-
sas

Carnaval de Veneza e Polichinelo — Destaque: Ilka e Oscar
Ala do Embalo, Ala Chove e não
Molha e Ala dos Imperadores

2.º Setor

Dama da Córte de Portugal — Destaque: Natalina

Índios — Destaque: Marta e Elenir
Ala de Índios

Trio dos Pandeiros de Ouro — Carlinhos, Rogério e Pimpolho

Ala da Bateria com suas baianas

Carro de som

Orixás — Destaque: Edina
Ala dos Afoxês

Africana — Ala É com Nós Mesmo, Ala das Moderninhas, Ala Metida a
Bacana e Ala das Meninas da Praia
Destaque: Iara Marques

Feitores — Ala dos Fidalgos, Ala dos Invencíveis e Ala dos Aliados

2.ª Porta-Bandeira e 2.º Mestre-Sala — Mocinha e Arisio

Grupo de Passistas da Ala Vê se Entende e Ala Sambossa

Maracatu — Destaque: Wilson e Vera Lúcia
Ala da Côte, Ala dos Milionários de Paris e Grupo-show
O Problema É Seu

Môças e Rapazes das Flôres — Ala dos Grã-finos, Ala Nós Somos Assim, Ala dos Funcionários, Ala Depois Eu Digo e Baianas Grã-finas

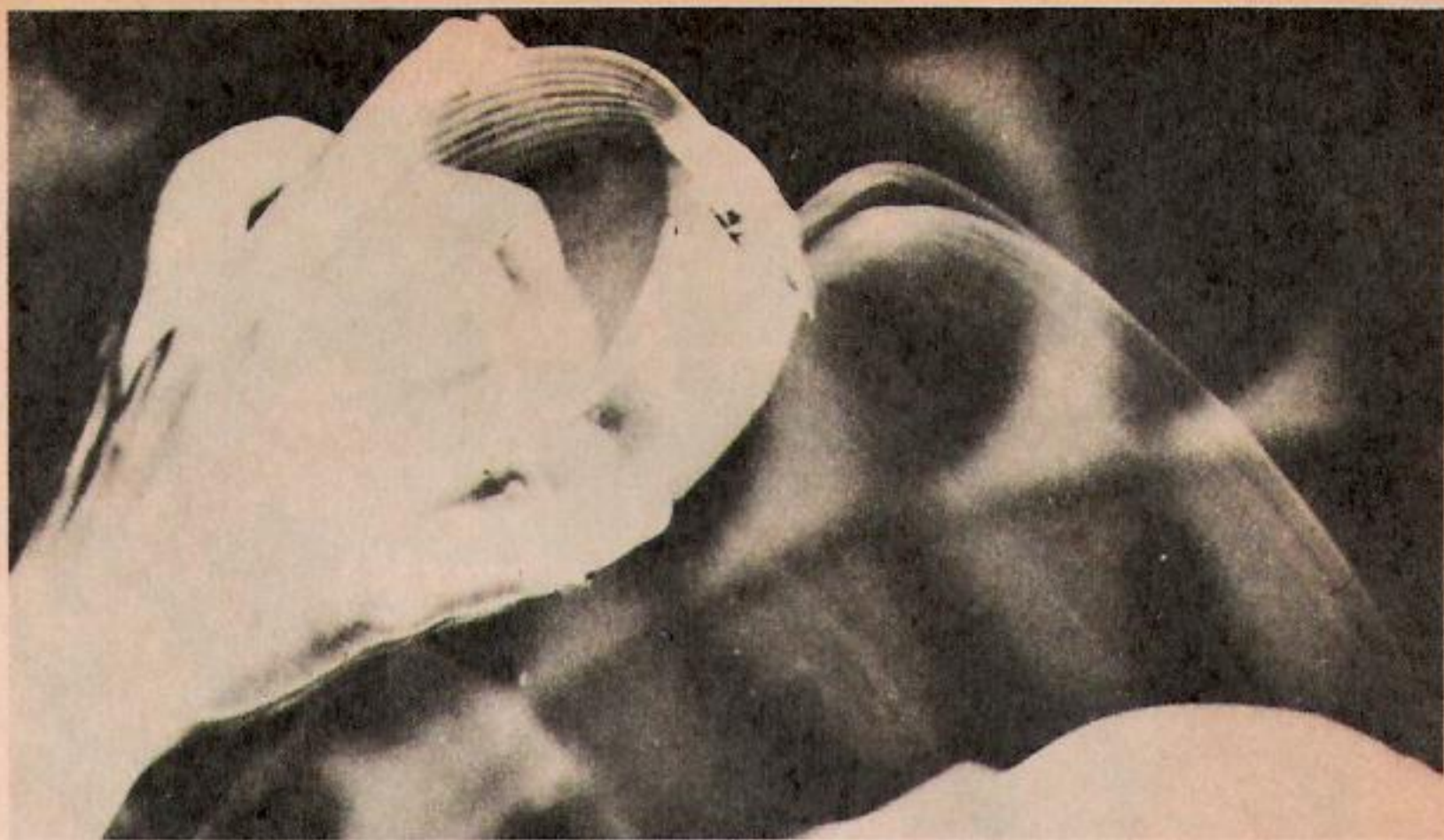
3.º Setor

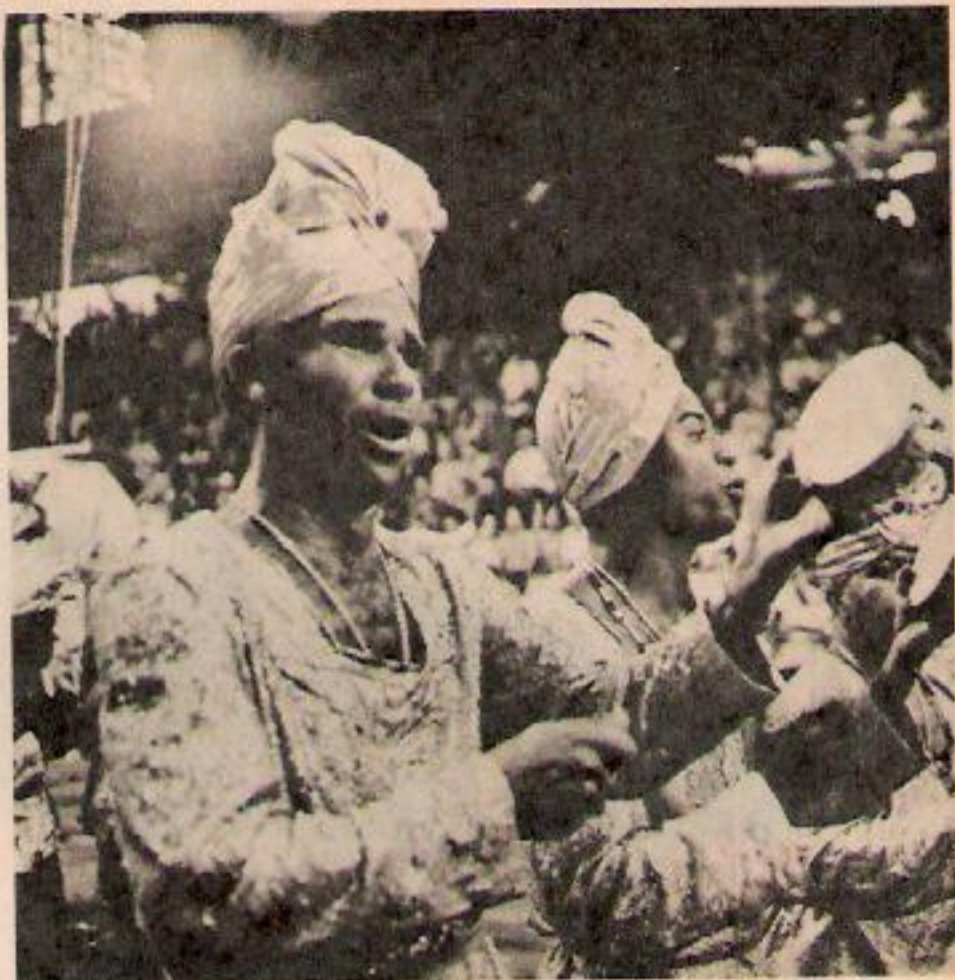
Alegoria — “Carnaval de Ontem, de Hoje e de Sempre”

Conjunto-show da Ala Vê se Entende



ROTEIRO





ROTEIRO

Exaltação ao Carnaval — passistas e ritmistas da Escola
Baianas — Destaque: Nininha
Ala das Baianas Tradicionais e Ala das Baianas Destacadas
1.^a Porta-Bandeira e 1.^o Mestre-Sala — Neide, Delegado e Zequinha
Festa de Carnaval — Destaque: Maria Ramos
Mangueira — Destaque: Zinha
Conjunto de ritmistas e passistas da Escola e Ala do
Melão
Escolas de Samba — Destaque: Doralice
Ala de Xangô
Passistas da Ala Vê se Entende
Baile do Municipal — Destaque: Edith
Homenagem à Portela — Destaque: Jorge
Ala Só Vai Quem Pode e Ala dos Intocáveis
Homenagem ao Império Serrano — Destaque: Teresa
Ala dos Jornaleiros
Homenagem ao Salgueiro — Destaque: Ilma
Ala Deixa Falar e Ala Deixa Isso Comigo
Homenagem aos Frevos e Ranchos — Grupo-show da Escola
Homenagem aos Blocos do Cacique de Ramos, Bafo da Onça e Boêmios
de Irajá — Componentes dessas agremiações
Folia — Destaque: Cotinha
Conjunto de passistas Anik Malvil
Pierrôs — Ala dos Nobres
Colombinas — Crianças da Mangueira
Passistas da Ala Vê se Entende
Arlequins — Crianças da Mangueira
Apoteose — Ala Sambrasa
Enrêdo — Pedro Paulo Lopes
Figurinos — Juca
Cenógrafos — José Rodrigues, Bigode e Pitter Gasper
Comissão de Carnaval — Xangô, Mário, Melão, Sinhôzinho e Carlos
Alberto

RIO CARNAVAL DOS CARNAVAIS

Samba-enredo de 1972 do G.R.E.S.E.P. da Mangueira,
de Padeirinho, Nilton Russo e Moacir

Vejam... Que maravilha
Temos a festa mais linda
Dêste meu País
Esta é mais uma que brilha
Como êsse povo é feliz

Para alegria geral
Êste é o nosso carnaval
Em todo o Universo (BIS)
Não existe outro igual
Só neste Rio tradicional

O Rio oferece ao mundo
Neste solo fecundo
O Carnaval dos Carnavais
Revivendo com beleza
Os festejos de Veneza
Os cortejos geniais
Oriundos dos romanos
E dos negros africanos
Com seus lindos rituais

Tem maracatu, maculelê
Batuquejê (BIS)
Tem capoeira de roda
E também tem cateretê

Edição Especial de QUADRINHOS

MANGUEIRA

